

# Onda de boatos congela mercado

*Empresas e bancos evitam contratar e até investir*

São Paulo — Empresas e bancos estão sob o impacto do clima de fofoca geral que tomou conta do País em relação ao que o Governo vai fazer — e o combustível, muitas vezes, é a própria equipe econômica. Prefixação, indexador único, dolarização e outras medidas encabeçam a lista das medidas mais “anunciadas” e desmentidas na sequência. “Esse é realmente o país da fofoca”, constata o empresário Roberto Teixeira da Costa, presidente da Brasilpar Serviços Financeiros. “Até cozinheira dá palpite sobre pacote econômico. Isso acontece porque todo mundo tem vergonha da situação atual, mas ninguém quer pagar pelo preço da estabilidade. Quem ganha, não quer perder”.

Fofoca ou não, todos permanecem de prontidão esperando o que o Governo vai fazer. “Esse clima acaba criando a sensação de que as coisas não andam bem em Brasília”, afirma Davi Gotlib, diretor financeiro do Banco Francês e Brasileiro (BFB). “O resultado é que ficamos inseguros e não assumimos risco. Você não sabe se tem prefixação ou não, por exemplo, e aí fica em dúvida se capta ou empresta dinheiro. Na dúvida, não fazemos nada”. Empresas e bancos estão procurando operar no curtíssimo prazo e sem grande agressividade, para reduzir as possibilidades de prejuízo. “Nessas horas, a possibilidade de operar errado são grandes e, por isso, estou zerado

há algumas semanas”, acrescenta José Berenger, diretor financeiro do ING Bank.

Retração nas empresas, o fenômeno é o mesmo. Segundo o consultor Márcio Orlandi, presidente da Fundamental Research, a execução de investimentos e contratação de pessoal são duas medidas administrativas imediatamente relegadas a um segundo momento. “A postura se torna bem conservadora”, afirma. “Só se vende produto por um preço que o empresário tenha certeza de estar conseguindo lucro”. Outra decisão estratégica das empresas tem sido a de reduzir o volume de estoques, um fato inédito no final de ano.

“Não tem jeito, acaba paralisando os negócios”, testemunha Mário Togneri, diretor financeiro da Indústria de Bebidas Müller, fabricante da Caninha 51. “Ninguém sabe se ganha ou perde em situação de mudança e, por isso, encurta-se o prazo e o risco das operações”. A Müller está, por exemplo, mantendo um mínimo de estoques. “Ninguém quer ficar com o mico na mão”, diz. Na área da administração financeira, as empresas estão preferindo fazer acordos de cavalheiros com os bancos para comprar CDBs com prazo de 30 dias, mas resgatáveis antes do seu vencimento. “Isso tudo está ficando ridículo”, lamenta Togneri. “Dá vergonha essa nossa incompetência em resolver os problemas do País”.